

A VIOLÊNCIA FEITA AO PENSAMENTO ¹

Eva LANDA²

Resumo: A ruptura da solidariedade nos meios feministas na época do nazismo é examinada à luz do conceito de alienação desenvolvido pela psicanalista Piera Aulagnier.

Palavras-chave: feminismo – nazismo – antissemitismo – pensamento - alienação – idealização.

Résumé : La rupture de la solidarité dans les milieux féministes à l'époque du nazisme est examinée à la lumière du concept d'aliénation, développé par la psychanalyste Piera Aulagnier.

Mots-clés : féminisme – nazisme – antisémitisme – pensée - aliénation – idéalisation.

No belo livro *Féminismes et nazisme* (Feminismos e nazismo)³, o artigo de M. Kaplan descreve a trajetória dos grupos feministas judaicos na Alemanha, em particular durante a ascensão do nazismo : « Em meados de 1933, a BDF [Federação das Organizações Femininas Alemãs]... desmembrou-se face à ameaça de *Gleichschaltung*, ou nazificação. A JFB⁴ [Liga das Mulheres Judias] tinha-se retirado da BDF alguns dias antes e a BDF aceitara a partida da Liga, com “o maior pesar ». Em sua maioria os demais membros da BDF escolheram permanecer, preferindo excluir suas camaradas judias”⁵.

Kaplan cita a seguir Herta Natorff e sua experiência da nazificação no seio da Associação das mulheres médicas em abril de 1933 : « Como de hábito, fui (à reunião) [...] Hoje reina uma estranha atmosfera, pensei, e há tantas novas fisionomias [...] Uma camarada que não conhecia disse-me : « Você é certamente das nossas ? », mostrando-me a suástica que portava. Antes que pudesse responder-lhe, levantou-se e convidou um homem para juntar-se à reunião. Esse último, falando em nome do governo, exigiu a *Gleichschaltung* da organização [...] Uma outra camarada – que eu conhecia – levantou-se e disse: “Pedirei agora a todas as camaradas alemãs que se reunam na sala ao lado para uma discussão ». A camarada S., boa católica, levantou-se

¹Esse texto foi originalmente publicado na revista psicanalítica *Le Coq-Héron*, n.º 173, Editora Érès, 2003, p. 148-150. A tradução do artigo e das citações é de responsabilidade da autora.

² Psicanalista, Doutora em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade Paris VII. Formadora e supervisora da Aparté (Associação de Psicanálise e Antropologie, Paris). Organizadora do número sobre cinema e psicanálise da revista *Le Coq-Héron*, a ser lançado em dezembro de 2012.

³ L. Kandel (org.), *Féminismes et nazisme*, Paris, CEDREF, 1997.

⁴ Fundada por Bertha Pappenheim (Anna O.).

⁵ Em L. Kandel, *op. cit.*, p. 35.

então e perguntou : « O que quer dizer com « alemãs » ? » - « Todas aquelas que não são judias, naturalmente », foi a resposta recebida. Era então isso. Em silêncio, todas as médicas judias e meio-judias levantaram-se, bem como algumas médicas « alemãs » - e saímos, pálidas e ultrajadas no mais profundo de nosso ser »⁶.

O antissemitismo não consistia uma novidade para essas mulheres, que lutavam ao mesmo tempo contra uma sociedade sexista e racista. Mas a solidariedade que tinham podido encontrar antes se dissipara, com muito raras exceções, diante do antissemitismo nazista.

Herta Natorff descreve esse momento em que a solidariedade feminina, ou simplesmente humana, é abalada. Na realidade, não há mais « feministas ». Não por coincidência, um homem introduz a nazificação na organização feminista nesse dia. Existem de um lado « alemães » - nazificados, « purificados » (os « nossos ») – e de outro os não-humanos. Em tais condições, a solidariedade é impossível.

Uma tal ruptura violenta da solidariedade representa um fenômeno certamente complexo e multi-determinado. Seria porém interessante lembrar aqui um conceito de Piera Aulagnier, que articula o aspecto sociopolítico e as singularidades psíquicas.

Essa autora utiliza o termo *alienação* (num sentido mais próximo do político que do psiquiátrico) para dar conta de um destino da atividade do pensar que não pertence nem ao registro da psicose nem ao da neurose. Sua finalidade é a abolição de toda causa de conflito, de dúvida e portanto de sofrimento. Para isso, o Eu renuncia a seu próprio projeto e investe o projeto de um outro idealizado maciçamente⁷ (idealização necessariamente compartilhada por vários indivíduos).

Sob certas condições, qualquer sujeito pode cair no estado de alienação quando confrontado à força alienante. Aulagnier cita a situação em que o sujeito se encontra prisioneiro de um sistema sociopolítico que lhe proíbe pensar livremente : « Essa interdição imposta pelo poder que ameaça de morte seus pensamentos será, num espaço de tempo mais ou menos curto, interiorizada pelo sujeito, não apenas por um reflexo de defesa vital, mas também porque « pensar-se » escravo, puro instrumento a serviço de um outro sujeito, destituído de qualquer direito à palavra e ao pensamento, seria efetivamente fonte para o Eu de um sofrimento que só poderia desembocar em um desinvestir do « Eu pensado » por desinvestimento da atividade de pensar »⁸.

Mas o sujeito também pode alienar seu pensamento a uma ideologia dominante (ou restrita a uma seita ou grupúsculo⁹) quando a falha na desidealização das imagens parentais o conduz a procurar na realidade novos representantes dessas figuras idealizadas, que permitem uma narcisização de seu Eu (frequentemente no sentido de um

⁶ *Ibid*, p. 35.

⁷ Alienado : aquele que não pertence a si mesmo (cf. A. Lalande, *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, vol. I, Quadrige/PUF, 1991).

⁸ P. Aulagnier, *Les destins du plaisir. Aliénation – amour – passion*, PUF, 1979, p. 39-40. A autora não exclui, evidentemente, que certos sujeitos sejam capazes de suportar uma tal opressão do poder, mas estes constituem uma minoria.

⁹ Piera Aulagnier não deixa de mencionar o risco de uma possível relação alienante entre certos analistas e analisandos.

« narcisismo grandioso »). Em certos casos, a alienação permite criar certezas, quando a prova da dúvida levaria a afrontar uma experiência vivida no registro do impensável.

O sujeito alienado retoma por sua vez a função da força alienante em relação a outros sujeitos, enquanto adepto de uma « causa », cuja verdade e supremacia contariam com a garantia do poder alienante. A preservação do estado não-conflitual se fará pela negação de tudo que pode ameaçar essas certezas e pela projeção das próprias críticas sobre o inimigo do grupo, o dissidente ou o traidor. É preciso salientar que tal estado pressupõe um total desconhecimento do sujeito quanto à catástrofe sofrida por seu pensamento (apenas perceptível para um observador externo).

Muitas mulheres então, inclusive feministas, aderiram à ideologia nazista porque esta lhes proporcionava a ilusão narcísica de pertencer a uma raça superior triunfante, quando em realidade elas mesmas se tinham tornado meras peças de um sistema. A função que este glorificava consistia em permanecer em casa e produzir dignos representantes da raça ariana na maior quantidade possível. Prêmios eram atribuídos às mães mais prolíficas. Sem contar as jovens transformadas em « reprodutoras » no quadro da organização SS *Lebensborn*, que encorajava em nome da raça os nascimentos ilegítimos e a poligamia. A elite feminina, isto é, as mulheres selecionadas para pertencerem à SS (através de casamento ou trabalho) devia consagrar-se completamente à sua missão. Vítimas que consentem ou executantes zelosas, não pertenciam mais a si mesmas, mas ao projeto do poder alienante.

Seria entretanto ingênuo pensar que as fraturas no seio do feminismo pertencem ao passado nazista. Como observa L. Kandel, atualmente os estudos feministas sobre o nazismo revelam às vezes novas fraturas e estranhos amálgamas, sem excluir « tendências a normalizar, banalizar ou reabilitar o período nazista »¹⁰.

De maneira geral, estamos habituados a identificar o antissemitismo ao nazismo, ao fascismo, à extrema-direita. O lado dos « oprimidos » e portanto « bons » e o lado dos « opressores » e portanto « maus » parece bem definido, o que nos conforta. No entanto, olhando com atenção, descobrimos que oprimidos (como as mulheres) podem alienar-se à ideologia dos opressores, feministas podem ser racistas, antiracistas podem ser antissemitas e por aí fora.

Sim, os nazistas eram o Mal ; mais uma razão para bem refletir antes de « nazificar » um inimigo com o objetivo de deslegitimá-lo, porque corremos o risco de banalizar o Mal ou de nos enganarmos de causa.

¹⁰ Em L. Kandel, *op. cit.*, p. 12.